

## **PROFESSORES EM TRANSFORMAÇÃO: INTERATIVIDADE E DIALOGISMO NA WEB**

**Cristina Domingues Lemos<sup>(1)</sup>, Cíntia Inês Boll<sup>(2)</sup>**

(1) Aluna do Curso de Especialização em Tutoria em EAD, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil – e-mail: cristinadlemos@gmail.com

(2) Orientadora, Departamento de Estudos Especializados – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil – e-mail: cintia.boll@ufrgs.br

### **RESUMO**

Professores em transformação: interatividade e dialogismo na web. Este artigo se propõe a refletir sobre a importância da apropriação das Tecnologias da Informação e da Comunicação e a criação de redes virtuais de aprendizagem por educadores, considerando a experiência de alunos do Curso de Pedagogia - Modalidade a Distância (PEAD/UFRGS). O caráter interativo e colaborativo da web 2.0 é visto como fator determinante para a transformação das práticas educacionais, pelas possibilidades de socialização dos espaços discursivos e de encontro com o outro.

Palavras chave: Formação docente, web, interatividade e dialogismo.

### **ABSTRACT**

Teachers in transformation: Interactivity and dialogism on the web. This article offers to reflect over the importance of reshaping information and communication technologies and the creation of virtual networks developed for learning by educators, considering the experience of the Pedagogy Course – From a distance (PEAD/UFRGS) students. The 2.0 Web Tool's interactive and collaborative features are considered one of the most important factors for the educational practices transformation because of its possibilities of interaction in discursive spaces and also of meeting one another.

Keywords : Teacher, network, interactivity and dialogism.

## Introdução

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito que um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

João Cabral de Melo Neto

Este artigo se propõe a refletir sobre o uso e a apropriação crítica dos avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação por educadores que, mesmo sendo migrantes digitais<sup>1</sup>, estão se apropriando destas tecnologias e deste espaço discursivo, e os utilizando para ampliar e transformar sua relação com os saberes que o mundo tem para lhes oferecer.

Capazes de incorporar tais recursos a seu modo de viver e de refletir de forma autônoma sobre o significado desta apropriação em seu contexto, estes educadores estão promovendo transformações no processo educacional ao utilizar as TICs em seu cotidiano, pois o uso das tecnologias já não é mais visto apenas como novidade, mas como propulsor “do surgimento de inovações”. (SCHLEMMER, 2006, p. 7). Neste sentido, as tecnologias promovem, em novos espaços, o encontro dos sujeitos e de seus discursos, através das experiências e das possibilidades comunicacionais humanas.

A partir da vivência como tutora do Curso de Pedagogia<sup>2</sup> on-line (PEAD), foi possível analisar potencialidades e inovações de um projeto pedagógico cuja plataforma é a rede mundial de computadores<sup>3</sup> e apresenta uma proposta que dialoga com este movimento de mudança: a aprendizagem em rede, colaborativa, baseada na interatividade e na socialização do discurso.

---

<sup>1</sup> Migrantes digitais - pessoas nascidas antes da disseminação da tecnologia digital, em contraponto aos nativos digitais. (PRENSKY, 2001).

<sup>2</sup> Licenciatura em Pedagogia a Distância, Anos Iniciais do Ensino Fundamental. PEAD – UFRGS. Exerceu a função de tutora presencial no período de 2006/2 até 2009/1.

<sup>3</sup> A proposta do PEAD será analisada na sequência deste artigo. O curso, cuja base na web é o Rooda, constituiu-se, por seu caráter dinâmico, em um curso on-line, aberto para os recursos da web.

Conceitos apresentados pelo filósofo Mikhail Bakhtin, dentre eles o discurso e a interação foram pontos de partida para a reflexão sobre a relação dialógica e polifônica desta proposta de aprendizagem colaborativa via *web*. Ainda sob este enfoque, foi possível destacar as maiores inovações e os maiores desafios enfrentados por estes professores em formação, pela urgência de transformações das práticas docentes e pelas múltiplas possibilidades que a *web* apresenta como espaço de conexão, de atuação e de construção da identidade – de todos para todos.

Para Bakhtin, a interação entre os sujeitos é constituída através do dialogismo, através do reconhecimento do outro e de sua singularidade. O enunciado se configura, através da escolha das palavras, em um “construto semiótico” (BRAIT, 1988, p.243) no qual dialogam o eu e o outro, os contextos atuais e anteriores a este construto e os textos exteriores ao âmbito do diálogo social. A dialogicidade se dá, portanto, entre discursos, num jogo de intenções verbais, “num meio perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e interações (...) fundindo-se com um, isolando-se de outros, cruzando-se com terceiros”. (BAKHTIN, 1988, p.86).

Produção de conteúdo, aprendizagem colaborativa e conectividade constituem possibilidades na construção de novos saberes e esta nova proposta de formação docente se integra definitivamente à *Web 2.0*<sup>4</sup> e à *Geração C*<sup>5</sup>. Assim, o fluxo da informação e do conhecimento, a autonomia e a autoria são vistos sob uma nova perspectiva: a aprendizagem interativa em rede.

Segundo Silva<sup>6</sup> (1998, p. 1), através do conceito interatividade é possível constituir a real dimensão conversacional computacional: “A interatividade está na disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade (fusão emissão-recepção), para participação e intervenção.”

A interatividade favorece, então, atitudes exploratórias e dialógicas, permitindo a colaboração e a cooperação entre interlocutores. Riel (RIEL apud MAÇADA e TIJIBOY,

---

<sup>4</sup> Segundo Tim O’Reilly (2005), o termo se refere às mudanças que a internet teria sofrido ao servir de plataforma para uma nova proposta, definindo novos papéis tanto para usuários quanto para desenvolvedores.

<sup>5</sup> Segundo Peter Marsh (2007), a geração que cresceu sob a égide de uma internet livre, cooperativa e compartilhada.

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.senac.br/BTS/242/boltec242d.htm>. Acesso em: 13 out. 2009.

1998, p. 6) diz que a internet deve ser vista como “lugar onde pode-se criar novos delineamentos sociais. Uma comunidade, uma construção entre pessoas que compartilhem metas, valores e práticas comuns.” Assim, pessoas que *colaboram* – têm a intenção explícita de somar algo, contribuir – ou *cooperam* – colaboram visando alcançar um objetivo comum – encontram na web ambientes de encontro, ricos e motivadores (MAÇADA e TIJIBOY, 1998).

Através de uma pesquisa e do levantamento de depoimentos de alunos do Curso de Pedagogia (PEAD), algumas informações e impressões foram analisadas e serviram para dimensionar a importância da interlocução e da interatividade para estes alunos na construção de redes colaborativas de aprendizagem, assim como a apropriação dos espaços discursivos disponibilizados através da web e suas ferramentas, no transcorrer da sua formação.

### **Uma nova relação com o saber**

Pierre Lévy (1999, p. 157), escritor e pesquisador francês, afirmou em seus estudos que qualquer tipo de reflexão séria sobre o sistema educacional e formação na cibercultura<sup>7</sup> precisa necessariamente “apoiar-se na análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber.”

Para entender melhor o contexto em que se insere este estudo, alguns conceitos apresentados por Pierre Lévy, como o *ciberespaço*, o *aprendizado cooperativo* e a *inteligência coletiva*, podem esclarecer questões importantes, como o impacto da cibercultura para o conhecimento humano, suas implicações e transformações, e evidenciar a necessidade de novas palavras e novos paradigmas para a educação.

Para a formação de professores, especificamente, Lévy (1999, p. 158) prevê duas importantes reformas. Inicialmente, os professores precisam se adaptar aos dispositivos<sup>8</sup> e ao

---

<sup>7</sup> Segundo Lévy (1999, p. 17), cibercultura é o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

<sup>8</sup> Aqui o conceito é visto sob uma perspectiva socio-semio-tecnológica, conforme descreve Deleuze (1990). “É, antes de mais nada, uma meada, conjunto multilinear composto por linhas de natureza diferente. E no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direcções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam umas das outras. Qualquer linha pode ser quebrada-está sujeita a variações de direcção- e pode ser bifurcada, em forma de forquilha- está submetida a

espírito do aprendizado aberto e a distância. Em um segundo momento, é imprescindível que o professor reconheça os saberes constituídos pelos indivíduos, inclusive os não-acadêmicos. Desta forma, o professor é capaz de valorizar “uma situação de troca generalizada de saberes, [...] de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências.” (LÉVY, 1999, p. 172).

Conforme o autor (LÉVY apud SOARES, 2002, p. 156), a web apresenta uma hierarquia parcial, visto que cada *site* é um agente de seleção e é capaz de “articular transversalmente uma multidão aberta de pontos de *vista*”, além de permitir que cada indivíduo ou grupo se torne um emissor e, conseqüentemente, colaborador para o aumento do fluxo de saberes. Assim, com seu caráter universal, aberto e não-totalizável, o ciberespaço é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. (LÉVI, 1999, p. 17).

Por tudo isso, Lévy (1999) aponta como essencial a mudança qualitativa dos processos de aprendizado. O uso das tecnologias e das redes digitais interativas<sup>9</sup>, associado à ideia de aprendizado cooperativo, mediado ou não por dispositivos informatizados, potencializa a transformação da relação com o saber. A partir desta concepção de Lévy e de seu pressuposto de que capacidades como a memória, a imaginação e a percepção foram prolongadas a partir de suportes digitais e suas redes interativas, é possível, então, vislumbrar novos horizontes para a educação: a criação coletiva e o aprendizado cooperativo em rede.

A interconexão em tempo real “todos com todos” (LÉVY, 1999, p. 82) é condição essencial para a formação de processos de inteligência coletiva nas comunidades virtuais, visto que seu desenvolvimento se apóia na interconexão, “sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca.” (LÉVY, 1999, p. 127).

## Web 2.0 e Geração C

---

derivações. Os objectos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vectores ou tensores. (DELEUZE, 1996, p. 86).

<sup>9</sup> Redes digitais interativas constituem importante ferramenta para a cibercultura, (LEVY, 1999). Atualmente destacam-se as redes sociais.

O termo Web 2.0, apesar de ser de uso corrente em discussões sobre a web, ainda vem sendo debatido por especialistas que resistem em aceitá-lo, visto que há nele uma contradição básica: não há para a web e seus idealizadores, alterações significativas em suas especificidades técnicas que justificasse esta nova designação.

Em um artigo publicado logo após a introdução do termo Web 2.0 pela Editora O'Reilly Media, em 2004, o editor Tim O'Reilly procurou, através de uma série de conferências, esclarecer em que consiste essa expressão, e deu início a um debate que se estende a se amplia ainda hoje.

Em Setembro de 2005, Tim O'Reilly<sup>10</sup> descreveu em seu artigo “*What Is Web 2.0?*” as mudanças que a internet teria sofrido ao servir de plataforma para uma nova proposta, fato este que, segundo o autor, promoveu a web a um novo patamar, definindo novos papéis tanto para usuários quanto para desenvolvedores. Para O'Reilly, a alteração básica está no desenvolvimento de aplicativos que utilizam recursos de rede mais práticos e leves, que promovem maior interatividade e colaboração entre usuários, ao mesmo tempo em que se utilizam da inteligência coletiva para se adaptar às necessidades do momento.

Se uma parte essencial da Web 2.0 é aproveitar inteligência coletiva, transformando a web em uma espécie de cérebro global, a blogosfera é o equivalente do constante diálogo mental no prosencéfalo, a voz que ouvimos em todas as nossas cabeças. Ela pode não refletir a profunda estrutura do cérebro, que é muitas vezes inconsciente, mas é, em vez disso, o equivalente do pensamento consciente. E como um reflexo do pensamento consciente e atenção, a blogosfera começou a ter um efeito poderoso. Tradução livre da autora. (O'REILLY, 2005, p. 3)<sup>11</sup>.

Esta representação de uma web mais colaborativa apresenta uma opção ou – como alguns desejam – uma forma de concorrência, aos meios tradicionais de geração de conteúdo e destaca o poder inerente a sua utilização.

---

<sup>10</sup> Disponível em <http://oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html?page=1>. Acesso em: 19 ago. 2009.

<sup>11</sup> If an essential part of Web 2.0 is harnessing collective intelligence, turning the web into a kind of global brain, the blogosphere is the equivalent of constant mental chatter in the forebrain, the voice we hear in all of our heads. It may not reflect the deep structure of the brain, which is often unconscious, but is instead the equivalent of conscious thought. And as a reflection of conscious thought and attention, the blogosphere has begun to have a powerful effect. Disponível em <http://www.oreilynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html?page=3>. Acesso em: 19 ago. 2009.

Mas, como em muitas áreas de Web 2.0, onde o "2.0-dade" não é algo novo, mas sim uma realização plena do verdadeiro potencial da plataforma web, esta frase nos dá uma visão-chave sobre como projetar aplicativos e serviços a nova plataforma. [...] Esta é uma das áreas de Web 2.0 onde esperamos ver algumas das maiores mudanças, à medida que mais e mais dispositivos estão conectados à nova plataforma. Tradução livre da autora. (O'REILLY, 2005, p. 4).<sup>12</sup>

O'Reilly estabelece um comparativo entre o que chamou de Web 1.0 e Web 2.0 e nesta análise evidencia as mudanças. Dentre elas, é possível destacar alguns exemplos que fazem parte do cotidiano de usuários da informática educativa, como tutores em EAD ou professores de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) em escolas do ensino fundamental: a Wikipédia em contraponto a uma enciclopédia como a Britannica On-line, Blogs de um lado e Websites de outro, participação versus edição, wikis<sup>13</sup> ou sistema de gerenciamento de conteúdo, folksonomia ou taxonomia.

Por outro lado, Tim Berners-Lee, um dos criadores da World Wide Web e Diretor do Consórcio W3 (World Wide Web Consortium), critica o termo Web 2.0 e questiona seus idealizadores, pois o princípio da web continua sendo conectar pessoas. Segundo Berners-Lee, não há mudanças em relação à conectividade ou à interatividade e, além disso, a Web1.0 também promove o espaço colaborativo. Em uma entrevista que circulou entre os colaboradores da IBM e também na Web, Berners-Lee<sup>14</sup> (2006, p. 1) contra-argumenta e justifica a criação da web como "[...] the Web as interaction between people is really what the Web is. That was what it was designed to be as a collaborative space where people can interact." <sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> But as with many areas of Web 2.0, where the "2.0-ness" is not something new, but rather a fuller realization of the true potential of the web platform, this phrase gives us a key insight into how to design applications and services for the new platform.[...]This is one of the areas of Web 2.0 where we expect to see some of the greatest change, as more and more devices are connected to the new platform. Disponível em <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html?page=4>. Acesso em: 19 ago. 2009.

<sup>13</sup> Originalmente chamado Pbwiki, em meados de 2009 tornou-se Pbworks. Disponível em <http://blog.pbworks.com/2009/06/03/welcome-pbworks-project-edition/> Acesso em: 19 ago. 2009.

<sup>14</sup> Disponível em <http://www.ibm.com/developerworks/podcast/dwi/cm-int082206.txt>. Acesso em: 18 ago.2009.

<sup>15</sup> “[...]a Web como interação entre as pessoas é o que a Web realmente é. Foi para isso que ela foi designada, como um espaço colaborativo onde as pessoas podem interagir.” Tradução livre da autora.

Produção e gerenciamento de conteúdo, domínio do hipertexto e suas peculiaridades, a diversão em publicar seu próprio conteúdo, são situações defendidas e, segundo ele, garantidas na Web 1.0.

"Eu realmente gosto da idéia de pessoas construindo coisas em hipertexto, o tipo de espaço de hipertexto comum para explicar o que é o entendimento comum e, então, capturar todas as ideias que conduziram a uma determinada posição. Eu penso que isso é realmente importante. E eu acho que blogs e wikis são duas coisas divertidas, acho que eles cresceram, em parte, porque eles fazem uma boa parte do gerenciamento da navegação para você e permite que você mesmo adicione conteúdo. [...] As wikis semânticas são muito interessantes. São wikis nas quais as pessoas podem adicionar informações e, em seguida, essas informações podem ser trazidas à superfície, cortadas, fatiadas utilizando todos os tipos de diferentes ferramentas semânticas da Web, e por isso é emocionante a forma como as pessoas e as coisas estão indo, mas eu acho que há muitas coisas novas nesse ramo que ainda temos que inventar." Tradução livre da autora. (BERNERS-LEE, 2006, p. 1)<sup>16</sup>

Independente do rumo das discussões e da aceitação definitiva do conceito *Web 2.0*, para este estudo, o interesse está em alguns pontos em relação à web e suas implicações, pois a web 2.0 pode operar como dispositivo para que as aprendizagens interativas em rede, colaborativas e cooperativas se consolidem. É possível salientar, a partir deste debate que, depois de inúmeros avanços tecnológicos, a web mantém a ideia básica de conectar pessoas e a utilização de mídias pessoais constitui mais um elemento de construção subjetiva da identidade e de ocupação de um espaço de expressão individual e de produção cultural da sociedade contemporânea. Além disto, acesso a ferramentas que possibilitam a produção e o gerenciamento de conteúdos por usuários da web alterou as relações entre conhecimento construído e compartilhado e informação linear da mídia de massa, através da socialização do espaço discursivo (comunicacional).

---

<sup>16</sup> I really like the idea of people building things in hypertext, the sort of a common hypertext space to explain what the common understanding is and thus capturing all the ideas which led to a given position. I think that's really important. And I think that blogs and wikis are two things which are fun, I think they've taken off partly because they do a lot of the management of the navigation for you and allow you to add content yourself.[...]The semantic wikis are very interesting. These are wikis in which people can add data and then that data can then be surfaced and sliced and diced using all kinds of different semantic Web tools, so that's why it's exciting the way people, things are going, but I think there are lots of new things in that vein that we have yet to invent. Disponível em <http://www.ibm.com/developerworks/podcast/dwi/cm-int082206.txt> . Acesso em: 18 ago.2009.



O termo Geração C, importado do marketing, foi difundido por Peter Marsh, diretor do SIRC, Social Issues Research Centre. Marsh (2007)<sup>17</sup> afirma que a geração que cresceu sob a égide de uma internet livre, cooperativa e compartilhada, assim como as gerações posteriores, deve promover profundas alterações na sociedade, a partir de um novo modo de se relacionar com a informação e o conhecimento.

Assim, em tempos de Geração C e Web 2.0, os professores vislumbram uma educação igualmente colaborativa, compartilhada e virtualmente conectada. Sendo a *Web 2.0* esta poderosa ferramenta, cujo único limite é, segundo O'Reilly, seu próprio usuário, como os professores estão se apropriando desta tecnologia como dispositivo, cada vez mais interativa e colaborativa e como se veem produzindo conteúdo?

### **Um lugar para ser**

O antropólogo Marc Augé apresenta em sua obra *Não-lugares: introdução a uma antropologia da modernidade* dois conceitos perfeitamente observáveis na web em seus espaços discursivos: lugares e não-lugares (AUGÉ, 1994).

É possível analisar a web como um espaço que é capaz de constituir as referências típicas de um lugar antropológico, isto é, um *lugar* - um espaço identitário, relacional e histórico. Da mesma forma, a web pode se constituir um *não-lugar* - no sentido de proporcionar situações virtuais de trânsito livre, de passagem, nesses espaços de ninguém, a existência livre de identidade ou contexto. Segundo Augé (1994, p.94) “O espaço do não-lugar liberta de suas determinações habituais quem nele penetra”.

Assim, alguns ambientes virtuais podem reunir, momentaneamente, usuários comuns, que usam “nicks”(codinomes ou apelidos), interagem em salas de bate-papo, libertos de suas determinações habituais, desempenhando diferentes papéis e, na verdade, não há mesmo, especificamente nestes ambientes, um compromisso com sua realidade ou contexto. Segundo Augé, este relativo anonimato vivido a partir desta *identidade provisória* representa a

---

<sup>17</sup> Geração C em função de características comuns: “content, connectivity, creativity, collaboration and communication.” Disponível em <http://www.vnunet.com/vnunet/news/2185235/internet-gives-birth-generation>. Acesso em: 09 mai. 2009.

liberdade para aquele que pode ocupar diferentes lugares. Esta liberdade é vista como uma possibilidade de reinvenção, onde se pode agir sob novos códigos ou regras.

Lugares e não-lugares, conforme Augé (1994), se misturam, e suas fronteiras e limites muitas vezes representam linhas tênues, facilmente transpostas por seus frequentadores. Para este estudo, entretanto, o interesse está no reconhecimento da web como lugar antropológico e, sob este aspecto, destacam-se algumas ferramentas e ambientes virtuais que proporcionam ao usuário, através da multiplicidade de vozes e do discurso intertextual, o espaço para constituir suas identidades, declarar posições e definir, assim, sua relação com o meio e com seu contexto histórico, constituindo assim o lugar antropológico.

Assim, para Augé (1994, p. 73), “o lugar se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores”. Ele ainda defende a importância do encontro com o outro através do diálogo: “O personagem está em casa quando fica a vontade na retórica das pessoas com as quais compartilha a vida” (DESCOMBES apud AUGÉ, 1994, p.99).

Este pode ser o caso das comunidades virtuais de aprendizagem, dos blogs, grupos e redes sociais, entre outros, pois “[...] mergulhando ao fundo de si mesmo, o homem encontra os olhos do outro ou vê com os olhos do outro”. (BAKHTIN, 1988, p.328).

Novas possibilidades comunicacionais constituem novos paradigmas para estes sujeitos que se encontram e se constituem através de seus discursos, nestes ambientes virtuais e é interessante perceber como o estudo de Bakhtin sobre a linguagem encontra ressonância nas questões sobre interatividade e polifonia da web.

Enquanto para a lingüística clássica<sup>18</sup>, o discurso conhece apenas a si, é neutro e se configura como simples possibilidade, Bakhtin define o discurso como a linguagem em uso. O discurso concreto é a enunciação e o encontro entre interlocutores não é apenas processo verbal, mas também social. Através de sua teoria dialógica do discurso, Bakhtin procura demonstrar que o *eu* apenas pode realizar-se verbalmente através do *nós*. Assim, a dimensão sócio-histórica se integra à dimensão lingüística do discurso:

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui

---

<sup>18</sup> Ferdinand de Saussure, em sua obra Curso de Linguística Geral.

justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. (BAKHTIN, 1988, p.113).

Para Bakhtin, existe uma íntima relação entre a palavra e a vida. A palavra, segundo ele (1988, p.40), “tecida a partir de uma multidão de fios ideológicos, serve de trama a todas as relações sociais em todos os domínios e [...] é o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”.

Não é por acaso que Bakhtin se encontra no centro de debates importantes, como por exemplo, no Programa de Formação Continuada promovido pelo MEC – Gestar II<sup>19</sup>, para professores do Ensino Fundamental e se populariza através da publicação de suas ideias em uma revista especializada em educação de grande circulação no país<sup>20</sup>. Bakhtin revela a multiplicidade, a diversidade e o embate entre sentidos, promovidos pelo caráter dialógico dos discursos empreendidos por sujeitos situados historicamente. Toda esta complexidade discursiva é característica da sociedade contemporânea (AMORIN in BRAIT, 2009) e revela a atualidade deste autor.

Todo discurso vivo, afirma Bakhtin (1988), tem uma orientação dialógica, essa é sua orientação natural. A interação ocorre, então, quando o discurso de um se encontra com o discurso de outrem, de forma participativa, viva e tensa. Esta dialogicidade do discurso não é apenas interna – quando encontra o discurso alheio, mas também na própria orientação natural do discurso para a resposta antecipada. Os vínculos mantidos entre as palavras, seus enunciados latentes, sua opacidade e ambivalência, produzem efeitos de sentido e permitem a identificação de diferentes vozes – é a polifonia do discurso.

Margarete Axt<sup>21</sup>, ao pesquisar sobre o pressuposto dialógico na pesquisa e o lugar da multiplicidade na formação docente em rede, destaca conceitos básicos da obra de Bakhtin:

---

<sup>19</sup> Programa desenvolvido pelo MEC. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13027:programa-gestao-da-aprendizagem-escolar-gestar-ii-lingua-portuguesa&catid=195:seb-educacao-basica](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13027:programa-gestao-da-aprendizagem-escolar-gestar-ii-lingua-portuguesa&catid=195:seb-educacao-basica) Acesso em 25 ago. 2009.

<sup>20</sup> Revista Nova Escola. Mikhail Bakhtin: o filósofo do diálogo. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/filosofia-dialogo-487608.shtml>. Acesso em 25 ago. 2009.

<sup>21</sup> A UFRGS desenvolve um importante projeto nesta área através do LELIC – Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição. Sob a Coordenação Geral de Margarete Axt, este grupo vem desenvolvendo objetos e ambientes virtuais de aprendizagem, bem como ações pedagógicas que considerem a interação com tecnologias digitais, enfatizando a construção do conhecimento e a produção de sentidos. O Provia - Programa Interinstitucional Comunidades de Aprendizagem, Estética do Virtual e Autoria Coletiva –

“[...] contexto dialogal (dialógico) é, para Bakhtin (1997), sempre variável e pode incluir tanto um diálogo real entre dois interlocutores concretos (outrem), quanto um diálogo entre teorias, obras, épocas, culturas, paradigmas (a figura do Terceiro como ele denomina, ou de Outrem).” (AXT, 2009, no prelo).

A autora salienta, ainda, o dialogismo de Bakhtin: “[...] toda expressão enunciativa [...] corresponde sempre uma atitude responsiva ativa prévia, dando conta de um contexto pragmático, interacional e enunciativo-responsivo, enquanto pressuposto de linguagem e de sujeitos de linguagem em relação.” (AXT, 2009, no prelo).

Sobre a importância de dar voz ao sujeito de linguagem (sujeito da educação e sujeito da pesquisa) para a formação de professores em rede, com destaque para o trabalho com as linguagens e a expressão de sentidos, Axt analisa:

Neste caso particular da EAD, sujeitos de linguagem (também sujeitos da educação e da pesquisa) acoplados a ambientes virtuais (AV) podem constituir redes relacionais de convivência na linguagem, quando, então, os seus participantes passam a habitar estes ambientes pela escrita, através do exercício de suas vozes, erigindo-os em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). A voz se exercita pela escrita e a escrita dá corpo, materialidade à voz: vozes de todos os participantes, professor-aluno e pesquisador, vozes que, pela escrita, dão corpo a uma relação. Ao mesmo tempo, e justamente por isso, *escrita enquanto corpo de uma relação* se constitui num dispositivo que (por ser corpo) adensa e opacifica esta mesma relação, permitindo refratá-la e refleti-la para outro meio, outro plano, o do pensamento, o das tomadas de decisão e de posição. (AXT, 2009, no prelo).

Assim, os conceitos de polifonia, dialogismo e interatividade, propostos por Bakhtin, auxiliam na análise da pragmática e dos gêneros discursivos preferidos pela cibercultura, no reconhecimento do outro, através do processo de interação nos espaços virtuais e, principalmente, nas possibilidades dialógicas presentes nas ferramentas colaborativas da Web. Além disto, permitem refletir sobre as questões voltadas para a linguagem e a comunicação como ferramenta de produção do conhecimento de forma comprometida e responsável e de construção e produção de sentidos, empreendidas por sujeitos históricos – no

---

por exemplo, é pesquisa interdisciplinar e de cooperação interinstitucional, com vistas à constituição de redes de inteligência coletiva, com responsabilidade ético-social e reflexibilidade acerca das ações político-pedagógicas de inserção/intervenção, sintonizadas com as acelerações do social. Disponível em [http://www.lelic.ufrgs.br/portal/index.php?option=com\\_frontpage&Itemid=1](http://www.lelic.ufrgs.br/portal/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1) Acesso em 20 set. 2009.

---

caso deste artigo, professores que promovem a transformação de suas práticas e constituem suas identidades.

### **Professores em rede**

Durante cinco semestres, atuei como tutora presencial no primeiro curso de licenciatura na modalidade a distância oferecido pela UFRGS. O público alvo deste curso era restrito a professores atuantes na rede pública de ensino. Desenvolvido por um consórcio entre a Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) e o Centro de Ciências da Graduação da Universidade de Santa Catarina (CCE/UFSC), o curso foi estruturado para atender a cinco polos/ espaços físicos de referência – Alvorada, Gravataí, São Leopoldo, Sapiranga e Três Cachoeiras – e tem previsão de conclusão para o segundo semestre de 2010.

A proposta do PEAD se refere a um curso on-line (via Internet), com alguns encontros presenciais, e um dos aspectos que recebeu maior ênfase pela coordenação foi “a interação, a comunicação e a troca de idéias, experiências e informações” (CARVALHO et alii, 2006, p. 7). Como princípio norteador do projeto, está a seguinte premissa: “a compreensão da dinâmica social e da rede de relações que a cria e sustenta, assim como do espaço que nela ocupa a educação”. (CARVALHO et alii, 2006, p. 19). As atividades propostas para o curso visam ao desenvolvimento da autonomia cooperativa, ao exercício de uma “prática escolar mais qualificada e condizente com os tempos atuais”. (CARVALHO et alii, 2006, p. 15).

Além do espaço virtual, os alunos<sup>22</sup> também contam com os polos, tanto para atendimento de dificuldades tecnológicas ou de desenvolvimento das ações e atividades do curso, quanto para acesso ao acervo de material educacional. O polo ainda se configura como o principal local de encontro presencial entre alunos, professores e tutores. Em relação ao uso das tecnologias, o curso apresenta como um de seus objetivos específicos:

Qualificar os professores para a utilização de recursos informáticos, na escola, para criar uma cultura de redes cooperativas intra e interescolas, a partir do

---

<sup>22</sup> Neste estudo, a opção pela identidade “aluno”, sem perder de vista que exercem paralela e transversalmente o papel de professores.

uso de novas tecnologias de comunicação e informação na prática pedagógica. (CARVALHO et alii, 2006, p. 20).

O domínio pleno das TICs e sua apropriação pelo aluno, bem como a dimensão da transformação de sua prática, estão contemplados em um objetivo que reafirma a condição do aluno como sujeito historicamente situado:

Compreender o contexto histórico, sócio-cultural e científico dos processos de formação humana, de produção do conhecimento e de organização do trabalho pedagógico na perspectiva de uma educação crítica, que contribua para a transformação social. (CARVALHO et alii, 2006, p. 2)

Segundo o manual do tutor, inicialmente, as atividades do PEAD previam a “participação efetiva de todos, via escrita, nos espaços do ambiente virtual”. (CARVALHO et alii, 2006, p. 20). Ao analisar o uso da web como ferramenta para o ensino a distância, foi possível perceber – e de certa forma vivenciei isto como tutora – que a proposta do PEAD estava baseada na plataforma Rooda (mais mensagens via e-mail), mas, aos poucos, o espaço virtual de aprendizagem foi se estendendo amplamente para Internet – com o uso dos wikis e blogs<sup>23</sup>, principalmente, e para tantos outros ambientes virtuais experimentados durante o curso.

O caráter aberto e dinâmico do PEAD ficou evidente, na medida em que transformações nas arquiteturas pedagógicas<sup>24</sup> ocorreram durante o desenvolvimento das atividades, segundo avaliação constante dos recursos disponíveis na web, do tempo e do espaço e, principalmente, da abrangência das ações pedagógicas. Segundo mensagem pessoal de Aragón de Nevado (2009), coordenadora do PEAD, apesar de saber que seria necessário usar um ambiente virtual no curso, não havia definição de qual seria. As ferramentas necessárias foram arroladas no projeto e as definições ocorreram posteriormente. Decidiu-se pelo ambiente institucional da UFRGS – o ROODA. Esta decisão, porém, não impediu a utilização de outros espaços para registro na web:

---

<sup>23</sup> “Os *weblogs*, ou simplesmente, *blogs*, são sistemas de publicação na *Web*, baseados nos princípios de microconteúdo e atualização freqüente.” (PRIMO e RECUERO, 2003, p. 3).

<sup>24</sup> ARAGÓN DE NEVADO, Rosane. Arquitetura pedagógicas no PEAD. Disponível em <http://senaedpedagogiaead.wordpress.com/2009/05/31/arquiteturas-pedagogicas-no-pead/> Acesso em 19 ago. 2009.

A ideia de usar outros ambientes veio da experiência realizada em cursos de especialização que realizamos em 2005/2006. Nesses cursos sentíamos que os ambientes não eram suficientes para algumas atividades, sentíamos falta de algumas facilidades para as interações, para as escritas coletivas e para os projetos de aprendizagem. Então iniciamos o uso de blog e wiki nesses cursos e verificamos que eles são bons suportes para essas atividades. Além disso, pensamos que precisamos formar os professores para que eles possam trabalhar com os seus alunos usando tecnologia e sabemos que eles precisam usar ambientes/ferramentas disponíveis na Internet, pois as escolas não têm infra-estrutura para manter ambientes virtuais como o Rooda ou o Moodle. (ARAGÓN DE NEVADO, 2009).

Após seis semestres completos de desenvolvimento do curso na modalidade a distância, transformações foram observadas, principalmente no que se refere à utilização do computador e da Internet, não apenas enquanto alunos, mas também enquanto docentes em suas respectivas salas de aulas presenciais. Para compreender melhor como os alunos vivenciaram o processo de letramento digital<sup>25</sup> e também para aprofundar a ideia de apropriação do espaço discursivo que se constitui a partir do uso da web como ferramenta interativa todos/todos, propus uma enquete a ser respondida voluntariamente pelo grupo de um dos polos (São Leopoldo, onde fui tutora presencial). Alguns alunos responderam as vinte e cinco questões disponibilizadas no Google Docs<sup>26</sup>. De uma turma de setenta e dois alunos, dez (em torno de 14% da população) responderam ao questionário, que trazia questões sobre o processo de apropriação tecnológica promovida pelo PEAD e algumas questões que, além de dados sobre os alunos, procuravam revelar seus sentimentos em relação às vivências promovidas durante as atividades realizadas pelo curso através da web.

Através do questionário é possível destacar alguns aspectos que reforçam a ideia defendida por este artigo. A comunicação por e-mail é um exemplo: em 2006, ao iniciar o PEAD, apesar de a totalidade dos alunos consultados já possuir computador – inclusive com um índice de 90% de alunos gerenciando uma conta de e-mail – 40% deles não utilizavam o computador com frequência e 44% não faziam uso do correio eletrônico. Outra questão a ser considerada foi necessidade de adesão a uma comunidade virtual de aprendizagem: cerca de

---

<sup>25</sup> O letramento digital se constitui através de práticas sociais de leitura e de escrita, proporcionadas pelas novas tecnologias e pelas possibilidades da cibercultura. (SOARES. 2002. p.146)

<sup>26</sup> Google Docs. Disponível em <http://googleblog.blogspot.com/2008/03/opening-google-docs-to-users-and.html> Acesso em: 19 ago. 2009.

50% dos entrevistados julgaram importante criar passaportes para estes ambientes no decorrer do curso. Enquanto alguns admitem uma participação mais focada em obter informações (40%), outros buscam nestas comunidades possibilidades de interação, verdadeiras redes de colaboração e cooperação, fazendo reivindicações, sugerindo e encaminhando questões sobre o curso (40%).

Assim, parafraseando Rubem Alves (2000) é possível afirmar que, sentindo-se alunos de um curso a distância que efetivamente promove o uso e a apropriação crítica das atuais Tecnologias em Informação e Comunicação, os alunos são tocados pelo discurso, construindo teias que possibilitam novos mundos educativos e especialmente humanos, em rede.

### **Novas palavras, novos paradigmas**

Participar de comunidades virtuais de aprendizagem e tecer redes colaborativas, principalmente no que se refere a questões do cotidiano escolar, aproximam estes educadores de uma nova maneira de aprender. Para Nilda Alves (2003, p. 7), a rede é metáfora do pensamento, do conhecimento e dos saberes que podem ser concebidos a partir de um novo paradigma de aprendizagem. A representação imagética da rede representa o “ilimitado número de percursos, a racionalidade aguçada e complexa, a superação da linearidade”. Para construir a rede, a autora aponta para a “pedagogia da práticateoriaprática”, de conhecimentos trançados nos “múltiplos espaçotempos e contextos cotidianos diversos”, dos quais se deve depreender a lógica do cotidiano – lógica esta contrária à lógica dominante dos caminhos obrigatórios e das hierarquias.

Em um artigo sobre internet e educação, publicado no Correio Brasiliense, Cíntia Boll (2009) destaca algumas mudanças, relacionadas ao cotidiano dos alunos que hoje estão na escola, que precisam ser observadas pelos professores. A informação acessível e a interatividade da web fazem com que, com mais agilidade, o aluno transite entre contextos diversos e necessite não apenas de dados, mas também de habilidade para “trançar” seus próprios conhecimentos. Para isso, ele necessita de um professor com novas habilidades.

Muitos destes materiais estão hoje na rede, on line, para o acesso de qualquer um, inclusive e especialmente, de seu aluno. Para este aluno, ter a informação, o material, o conteúdo não interessa, não dá ibope pedagógico. O que este aluno



pergunta hoje é o que ele pode fazer com esse conteúdo. Ele quer ver o movimento deste conteúdo na sua vida, na sua comunidade. (BOLL, 2009)

De acordo com o levantamento realizado através da enquete, uma parcela significativa parcela dos alunos afirmou estar planejando seguir com sua qualificação e especialização depois do final do curso a distância. Cerca de 90% dos alunos demonstraram interesse em dar continuidade a sua formação acadêmica e pretendem ingressar em uma pós-graduação – especializações ou mestrado, a fim de “progredir”, “aprofundar seus estudos”, “ampliar conhecimentos”, “adquirir vantagens em suas carreiras profissionais” e, por que não, “continuar realizando seus sonhos”. (Relatos retirados da enquete).

Em relação ao ambiente escolar, cerca de 50% dos alunos afirmou existir nas escolas um espaço destinado para o uso dos computadores por alunos e professores, fazendo uso deste espaço constantemente, enquanto que 10 % dos alunos afirmaram que este espaço nas suas escolas ainda se encontra em construção. Infelizmente, cerca de 40% dos alunos entrevistados afirmaram que este espaço não existe em suas escolas.

O interessante desta questão é que todos os alunos afirmaram que usam os computadores disponíveis em suas escolas, quando existentes, sendo que 30% os utilizam há exatos três anos – período compatível com a entrada no PEAD. Segundo o levantamento, o computador nas escolas é utilizado principalmente para a realização de trabalhos de pesquisa pelos alunos, além do uso administrativo ou de planejamento – para preparar planos de aula, planos de trabalho ou registro de avaliações (pareceres individuais dos alunos).

Em relação ao nível de aprendizado de suas apropriações tecnológicas depois do ingresso no PEAD, os desempenhos pessoais foram avaliados como bom para 40% dos entrevistados, muito bom para 40% e excelente para 20% dos alunos/professores.

A unanimidade dos questionários respondidos, porém, está na compreensão de que, após o ingresso no PEAD, mudanças significativas ocorreram em relação à prática pedagógica com seus próprios alunos (100%) nos espaços escolares em que atuam, o que permite afirmar que suas aprendizagens e sua relação com o processo desenvolvido durante o curso poderão estar reverberando também dentro de suas próprias salas de aula, ou no mínimo, pode-se afirmar que enxergam o processo de forma diferente daquela de quando entraram no curso.

Sobre mudanças, alguns registros colhidos através da enquete também merecem destaque e aqui são apresentados integralmente:

**Aluno 5** - Quando iniciou o curso, fiquei apavorada, principalmente porque não tinha internet em casa e necessitava ir à casa de parentes ou a Lan Houses. Chorei muitas vezes na frente do computador, tinha medo de apagar tudo, de perder as coisas, e de fato perdi muitos trabalhos que tive que refazer depois. Mas, literalmente fui alfabetizada digitalmente [...].

**Aluno 7** - Aprendi muito em relação ao uso das tecnologias era praticamente uma analfabeta digital. Ainda tenho muito para aprender.

**Aluno 9** - Antes nem sabia entrar no meu e-mail sozinha e meus filhos tinham que renová-lo periodicamente. Hoje, o consulto praticamente diariamente, participo de ambientes de aprendizagem, tenho blog e wiki, aprendi a aprimorar minhas produções pessoais, colocando imagens, editando e formatando.

**Aluno 10** - Acredito que minha aprendizagem tecnológica é considerável, já que ao iniciar o PEAD eu era completamente ignorante nesta área, era uma analfabeta em comunicação tecnológica. Hoje sei me defender [...].

O ambiente de aprendizagem utilizado atualmente no PEAD é o Rooda, mais especificamente uma plataforma utilizada para arquivar documentos finais de cada aluno em cada semestre, com possibilidade de atividades síncronas e assíncronas, que facilitam a interação e comunicação todos os participantes, tais como a lista de discussão, o bate-papo, a enquete e o fórum. Ainda assim, o PEAD utiliza como espaço alternativo na *web*, um wiki<sup>27</sup>, como canal de comunicação entre professores, alunos e tutores. Neste wiki, criaram-se páginas que concentram informações e endereços importantes – como blogs e wikis das alunas – e articulam as redes de aprendizagens construídas no transcorrer da criação coletiva destas páginas e seus hipertextos. Assim, o correio eletrônico, com listas de discussão e planilhas compartilhadas, programas de mensagens instantâneas (MSN) e videoconferência foram apenas algumas das ferramentas utilizadas para estreitar os laços da comunidade virtual criada em torno do PEAD.

Outras ferramentas e softwares mais elaborados também fizeram parte desta experiência, como o Timelines<sup>28</sup>, um editor on-line para construção de linhas do tempo, com possibilidade de acréscimo de recursos multimídia. Além de apresentar a descrição e o objetivo da atividade, apresenta um espaço para discussão e a possibilidade de adicionar *tags* à página criada. Neste caso, especificamente, a atividade solicitava a criação de uma linha de

---

<sup>27</sup> Wiki do PEAD. Disponível em <http://peadsaoleopoldo.pbworks.com/>. Acesso em: 01 set. 2009.

<sup>28</sup> Linha do tempo realizada por aluna no PEAD, em 2008/01. Disponível em <http://www.xtimeline.com/timeline/Inform--225-tica-Educativa-BR--amp--Marga-Canabarro>. Acesso em: 31 ago. 2009.

tempo identificando fatos principais da História da Informática Educativa no Brasil, relacionando-os à vida das alunas. Mais uma vez, o caráter interativo e polifônico da web reafirma o espaço virtual como local identitário, relacional e histórico.

No blog colaborativo da disciplina de Artes Visuais, PEAD Artes Visuais São Leopoldo<sup>29</sup>, por exemplo, as alunas usaram o espaço para registrar e discutir o processo de releitura, verbalizando suas ideias, impressões e intenções. O caráter interativo das postagens, além de promover a interlocução entre os membros da comunidade PEAD, com o comentário das tutoras e alunas, também agregou os comentários de visitantes alheios ao grupo. O comentário de um visitante em especial, destaca o caráter colaborativo e de identificação entre os usuários da web, com destaque para o reconhecimento da origem “geográfica” do blog e para as dicas de uso das ferramentas – atitude corrente entre os usuários da web:

Adorei o blog por dois motivos. Nasci em São Leo e adoro arte. Só queria dar uma sugestão: diminuir os posts em exibição. Por ter muitas imagens, demora para abrir a página. Quem entra por conexão discada não acessa é nunca. No mais, abração a todos, leopoldenses de nascimento ou de coração.<sup>30</sup>

Além da proposta de produção de conteúdo para o blog colaborativo, duas propostas desenvolvidas no PEAD a partir de ferramentas da web também merecem destaque, por representarem exemplos de recursos voltados para a interatividade e a construção colaborativa de conhecimentos: a criação individual do Portfólio de Aprendizagens<sup>31</sup> (hospedado no blogger) e a produção coletiva de Projetos de Aprendizagem<sup>32</sup> (hospedado no pbwiki). Cada uma destas atividades renderia outros tantos artigos, pela capacidade de inovação e pelo poder de transformação que ambas empreendem as criações para a produção colaborativa de conteúdo e para o compartilhamento de informações.

---

<sup>29</sup> Atividade realizada no PEAD em 2008/01. Disponível em <http://peadartesvisuissaoleo.blogspot.com/> Acesso em: 31 ago. 2009.

<sup>30</sup> Comentário feito no blog colaborativo <http://peadartesvisuissaoleo.blogspot.com/2007/10/as-meninas-velsquez.html> . Acesso em: 31 ago. 2009.

<sup>31</sup> Atividade do PEAD desenvolvida na disciplina Seminário Integrador. Disponível em <http://peadsaoleopoldo.pbworks.com/Portfolio-de-Aprendizagens> . Acesso em: 31 ago. 2009.

<sup>32</sup> Atividade do PEAD desenvolvida na disciplina Seminário Integrador. Disponível em <http://peadsaoleopoldo.pbworks.com/An%C3%A1lise-das-perguntas> . Acesso em: 31 ago. 2009.

Resumidamente, pode-se dizer que o Portfólio de Aprendizagens representa um espaço de construção e embate de sentidos, dialógico em sua essência, explora a capacidade da palavra em ser múltipla, diversa. Em cada postagem, o pensamento e a significação são dados por quem os revelam, a partir de seu lugar concreto e único: “O conhecimento real é aquele que eu reconheço e assino. Reconheço a verdade que ele contém e reconheço sua validade para mim [...]. Reconheço-o e me reconheço nele. Ao assiná-lo, imprimo minha marca, minha singularidade, minha participação no ser.” (AMORIN In BRAIT, 2006, P. 24).

Para Bakhtin (1988, p. 113), “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre meu interlocutor”. Abaixo, a ideia deste autor parece transversalizar, cruzar fronteiras, hibridizar no seguinte registro de uma das alunas do PEAD em seu Portfólio de aprendizagens:

Tínhamos que elaborar uma idéia e representá-la através de uma imagem. [...] "Uma ponte, água..." Mas pra mim não é só isso. Penso que o trabalho do professor, o trabalho que a escola deve buscar é "ponte", é colocar que existem outros lugares, que estes podem estar ligados a nossa realidade. Que a "água", que está passando por baixo da ponte é movimento, é transformação, é vida... Então posso aqui perceber que nossas possibilidades como professores e como escola são, na verdade mediar, possibilitar. Cada um vai seguir seu caminho, vai encontrar "sua ponte", suas "águas", e este diferencial faz da escola um lugar maravilhoso de ser e de estar. E talvez esta nossa perspectiva toda, este nosso ideal passe antes por novas apropriações e necessidade de novos paradigmas, desacomodar-se... Pensar em novas relações entre os segmentos que compõe o ambiente escolar, em uma nova forma de gerenciar os espaços e recursos<sup>33</sup>.

Cabe registrar também que os poucos comentários nos blogs dos alunos pelos próprios alunos é justificado pela falta de tempo. Através do questionário aplicado foi possível identificar que nenhum participante costuma comentar os blogs que visita porque o tempo é escasso (cinco referências), pela pequena importância dada ao comentário pelos professores e tutores (duas referências). Existe ainda a falta de hábito e também o medo de fazer um comentário equivocado (uma referência cada).

Considerando o uso da internet nos questionários analisados, os recursos foram catalogados de acordo com a frequência de utilização: pesquisa de conteúdos (sete votos), correio eletrônico para trabalhar (três votos), correio eletrônico para atividades sociais,

---

<sup>33</sup> Disponível em <http://peadportfolio156754.blogspot.com/2008/09/gesto-escolar.html>. Acesso em: 01 set. 2009.

utilização de blog, leitura de notícias, download de arquivos diversos – vídeos e músicas, participação em grupos de discussão (dois votos cada), publicação colaborativa de conteúdo, encontros síncronos em ambientes virtuais 3D e pesquisa de vídeos (um voto cada). Nesta questão também é possível perceber que, aos poucos e por familiaridade, os alunos assumem seus papéis como sujeitos que colaboram, compartilham e encontram-se virtualmente conectados.

### **Considerações finais**

Enquanto os alunos do PEAD ocupam seu lugar, que é concreto e único, expressam seus pensamentos e assumem suas responsabilidades, enfrentando o confronto inerente à interlocução. Ao relatar suas experiências em seu Portfólio de Aprendizagens, por exemplo, suas ideias adquirem um valor que deixa de ser apenas abstração, para se impregnar de sentido e identidade: “O sentido é gerado não pela significação, mas pela vida”. (BAKHTIN apud BRAIT, 2006, p. 234).

Ao ler os depoimentos destes alunos, que também são mestres no cotidiano escolar e na vida, é inequívoco o desejo de transformação. Recriar, evoluir e aprender sempre são desejos implícitos em seu discurso transformador – além, é claro, de viver plenamente a profissão de professor.

“As palavras são redes que tecem relações de troca, de entendimento, são linhas condutoras de sentido, são vias de mão dupla que conduzem a novas ideias e sensações”<sup>34</sup> (LEMOS, 2008, p. 1) e estas são as redes que estão sendo construídas por alunos e professores nesta experiência de EAD: colaborativas, íntegras e ricas em possibilidades.

De certa forma, estes alunos, coletivamente e através do domínio de avanços tecnológicos como a web 2.0, experimentam novas trilhas, vivem novas práticas, constroem novas redes, apropriam-se de novas palavras e as compreendem. Fazem caminhos mais livres, trilhados em companhia de outros, em direção a outros, e, assim, socializam seus saberes, trocam e cooperam.

---

<sup>34</sup> Disponível em <http://peadportfolio158153.blogspot.com/2007/11/o-poder-da-palavra-comentarios-nos-blogs.html>. Acesso em: 20 set. 2009.

Aprendizes que dialogam com o futuro da educação, estes alunos se apropriam das novas tecnologias para avançar em suas práticas e decidem enfrentar os desafios – a superação do medo, da falta de domínio tecnológico, da imobilidade – e os transformam em matéria de seus sonhos – saber mais e compartilhar seus saberes, ser autônomo para buscar sempre formação, ter coragem de fazer uma nova escola e conectar-se, através do diálogo, ao mundo e, especialmente, à vida.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Nilda. **Redes cotidianas de conhecimento e valores nas relações com a tecnologia**. Disponível em <http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/apresI.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2009.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Papirus, 10<sup>a</sup> edição. SP. P.61. 1995.

AMORIN, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In BRAIT, Beth. **Bakhtin: Dialogismo e polifonia**. Disponível em [http://www.editoracontexto.com.br/produtos/pdf/BAKHTIN%20DIALOGISMO\\_CAP1.pdf](http://www.editoracontexto.com.br/produtos/pdf/BAKHTIN%20DIALOGISMO_CAP1.pdf). Acesso em: 25 ago. 2009.

ARAGÓN DE NEVADO, Rosane. **Arquiteturas pedagógicas no PEAD**. Disponível em <http://senaedpedagogiaead.wordpress.com/2009/05/31/arquiteturas-pedagogicas-no-pead/>. Acesso em: 19 ago. 2009.

ARAGÓN DE NEVADO, Rosane. **Uma pequena discussão que pode colaborar com o artigo**. Mensagem pessoal recebida por cristinadlemos@gmail.com em 09 ago. 2009.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da modernidade**. Campinas, SP: Papirus.1994.

AXT, Margarete. **Do pressuposto dialógico na pesquisa: O Lugar da Multiplicidade na Formação (Docente) em Rede**. 2009, p. 13. No prelo.

BAKHTIN, Michail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. Michail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BERNERS-LEE, Tim. **Challenges and opportunities**. IBM, 2006. Disponível em <http://www.ibm.com/developerworks/podcast/dwi/cm-int082206.txt>. Acesso em: 18 ago.2009.

BOLL, Cíntia Inês. **Sobre Internet e Educação**. Correio Brasiliense. 01 jun. 2009.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Hucitec, 1988

CARVALHO, Marie Jane Soares et alii. **Guia do Tutor**. NETE – Núcleo de Estudos em Tecnologias Digitais na Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Lisboa, Vega, 1996.

\_\_\_\_\_, Gilles. ¿Que és un dispositivo? **In: Michel Foucault, filósofo.** Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Disponível em <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.html> Acesso em: 06 out. 2009.

LEMOS, Cristina Domingues. **Portfólio de Aprendizagens.** Disponível em <http://peadportfolio158153.blogspot.com/2007/11/o-poder-da-palavra-comentrios-nos-blogs.html> Acesso em: 20 set. 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo. Ed. 34. 1999. (Coleção TRANS)

MAÇADA, Debora Laurindo e TIJIBOY, Ana Vilma. **Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos.** IV Congresso RIBIE, Brasília, 1998.

MARSH, Peter. **Internet gives birth to 'Generation C'.** 2007. Disponível em <http://www.vnunet.com/vnunet/news/2185235/internet-gives-birth-generation>. Acesso em: 09 mai. 2009.

MEIRELLES, Mauro e BOLL, Cíntia Inês. **Licenciandos em EAD: o desafio da construção de espaços hipermididáticos de formação.** 2009.

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra.** Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

O'REILLY, Tim. **What is web 2.0.** 2005. Disponível em <http://oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html?page=1>. Acesso em: 19 ago. 2009.

PRENSKY, Marc. **“Digital Natives, Digital Immigrants”.** *On the Horizon.* MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001. Disponível em <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2009.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. **Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia.** Revista da FAMECOS, n. 23, p. 54-63, Dez. 2003.

SCHLEMMER, Eliane. **O trabalho do professor e as novas tecnologias.** Revista Textual, p. 33 a 42. Setembro de 2006.

SILVA, Marco. **Que é interatividade.** Boletim Técnico do SENAC. Vol. 24, nº 2. Maio/Agosto 1998. Disponível em <http://www.senac.br/BTS/242/boltec242d.htm>. Acesso em: 13 out. 2009.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br/revista/rev/rev81.htm>. Acesso em: 18 set. 2009.